

ARTIGO

Políticas da diferença nos cotidianos escolares: ou sobre problematizações das práticas curriculares com ênfase na diversidade

Policy of difference in school everyday lives: or about questioning curricular practice aiming at diversity

Políticas de la diferencia en la vida cotidiana escolar:
O sobre problemas de las prácticas curriculares enfatizando la diversidad

Carlos Eduardo Ferração

Universidade Federal do Espírito Santo - Brasil

Marco Antônio Oliva Gomes

Universidade Vila Velha - Brasil

Universidade Federal do Espírito Santo - Brasil

Resumo

O texto tem como objetivo problematizar as práticas relativas aos currículos realizados nos cotidianos de escolas públicas, tecidos em redes com as *teoriaspráticas* inventadas pelos seus sujeitos praticantes, com destaque para as relações estabelecidas por eles entre currículo e cultura, com ênfase na noção de diversidade. Trata-se de um desdobramento de uma pesquisa maior cuja intenção

principal foi entender os diferentes sentidos negociados pelos educadores e pelos alunos em relação aos processos curriculares que acontecem nessas escolas, ao mesmo tempo em que apostava em uma perspectiva teórico-metodológica que buscava questionar as múltiplas determinações *espaçotemporais* do currículo e, com isso, contribuir para a ampliação das possibilidades dos *saberes/fazeres* desses praticantes. O destaque dado às relações entre currículo e cultura, com ênfase na noção de diversidade resultou da nossa condição de pesquisadores com os cotidianos das escolas, quando nos foi possível perceber que, mesmo quando engajados em projetos que visam a combater os processos de discriminação cultural presentes nas instituições, educadores e estudantes produzem outras formas de exclusão, ao mesmo tempo em que, no anonimato do cotidiano escolar, inventam táticas e estratégias de sobrevivência, inspiradas em micro resistências que fundam micro liberdades e, com isso, potencializam a vida. Assim, em nossa pesquisa, compreender as redes tecidas entre cultura e currículo com base na noção de diversidade não implica avaliar se os educadores seguem corretamente ou não os documentos prescritivos curriculares da Secretaria de Educação em vigor e os projetos de ensino com base em aspectos da cultura que delas decorrem, muito menos levar propostas de ações para que sejam executadas nas salas de aula, mas implica problematizar as *teorias/práticas* inventadas por esses praticantes durante os próprios movimentos de tessitura de suas redes, de modo a potencializar políticas da diferença nos cotidianos das escolas.

Palavras-chave: Currículo. Cultura. Cotidiano escolar. Diversidade e diferença

Abstract

This paper aims at questioning curricular practice carried out in public schools' everyday life, which are woven in networks with theory-practices invented by practitioner subjects, highlighting the relationships these subjects establish between curriculum and culture towards diversity. This is unfolding of a broader research investigation which aimed at understanding the different meanings negotiated by educators and students concerning curricular processes that take place in these schools. That investigation adopted a theoretical-methodological perspective to question the multiple space-time determination of curriculum and, therefore, contribute to broadening these subjects' knowledge-action possibilities. The emphasis given to the relationships between curriculum and culture and the notion of diversity resulted from our condition as school everyday life researchers. We realized that even if engaged in projects to fight cultural discrimination processes present in institutions, educators and students produce other forms of exclusion. At the same time, anonymously in the school life, they create survival tactics and strategies inspired in micro-resistances that

are grounds for micro-liberties, and thus potentiate life. Therefore, in our study, understanding the networks woven between culture and curriculum based on the notion of diversity implies neither evaluating whether or not educators comply with prescriptive curricular documents issued by the Secretariat of Education and the teaching projects based on cultural aspects deriving from documents, nor taking proposals to be carried out in the classroom. In other words, our study aims at questioning the theory-practices invented by these practitioners while they weave their own networks, so as to potentiate policies of difference in schools' everyday life.

Keywords: Curriculum. Culture. School everyday life. Diversity and difference.

Resumen

El objetivo del texto es problematizar las prácticas relativas a los currículos realizados en la vida cotidiana de las escuelas públicas, tejidos en redes con las *teorías prácticas* inventadas por sujetos practicantes, destacando sus relaciones establecidas entre currículo y cultura, enfatizando la noción de diversidad. Se trata de un desdoblamiento de una investigación más grande, cuya intención principal fue entender los diferentes sentidos negociados por los educadores y por los alumnos con relación a los procesos curriculares que suceden en esas escuelas, al mismo tiempo en que apostaban en una perspectiva teórica-metodológica que intentaba cuestionar las múltiples determinaciones *espacio temporales* del currículo y, de esta forma, contribuir para la ampliación de las posibilidades de los *saberes quehaceres* de esos practicantes. El destaque dado a las relaciones entre currículo y cultura, con énfasis en la noción de diversidad, es el resultado de nuestra investigación sobre la vida cotidiana de las escuelas; de esta manera, percibimos que, aunque están comprometidos en proyectos que intentan combatir los procesos de discriminación cultural presentes en las instituciones, educadores y estudiantes producen otras formas de exclusión, al mismo tiempo en que, gracias al anonimato del cotidiano escolar, inventan tácticas y estrategias de sobrevivencia, inspiradas en micro resistencias que fundan micro libertades y, de esa manera, potencializan la vida. Así, en nuestra investigación, comprender las redes sociales entre cultura y currículo basados en la noción de diversidad, no significaba evaluar si los educadores siguen, correctamente o no, los documentos curriculares prescritos por la Secretaría de Educación en vigor, y los proyectos de enseñanza, derivados de estos, basados en aspectos de la cultura; tampoco significaba proponer acciones para que fueran ejecutadas en las clases. Se quería cuestionar las *teorías prácticas* inventadas por esos practicantes mientras tejen sus propias redes, para potencializar políticas de la diferencia en la vida cotidiana de las escuelas.

Palabras clave: Currículo. Cultura. Cotidiano escolar. Diversidad y diferencia

Considerações iniciais

Este texto tem como principal interesse problematizar (REVEL, 2004) as práticas relativas aos currículos realizados (FERRAÇO, 2008a; 2011; FERRAÇO; PEREZ; OLIVEIRA, 2008) nos cotidianos das escolas, tecidos em redes com as *teoriaspráticas* (ALVES, 2001)¹ inventadas pelos seus sujeitos praticantes (CERTEAU, 1994), com destaque para as relações estabelecidas por eles entre currículo e cultura, com ênfase na noção de diversidade. Trata-se de um desdobramento da pesquisa “Currículos realizados nos cotidianos de escolas públicas das séries iniciais do ensino fundamental”, que teve como intenção principal entender os diferentes sentidos negociados (BHABHA, 1998) pelos educadores e pelos alunos em relação aos processos curriculares que acontecem nessas escolas, ao mesmo tempo em que aposta em uma perspectiva teórico-metodológica que busca questionar as múltiplas determinações *espaçotemporais* do currículo e, com isso, contribuir para a ampliação das possibilidades dos *saberesfazeres* desses praticantes.

O destaque dado às relações entre currículo e cultura, com ênfase na noção de diversidade resulta da nossa condição de pesquisadores *com* os cotidianos das escolas (FERRAÇO, 2003; 2008b), quando nos foi possível perceber que, mesmo quando engajados em projetos que visam a combater os processos de discriminação cultural presentes nas instituições, educadores e estudantes produzem outras formas de exclusão, ao mesmo tempo em que, no anonimato do cotidiano escolar, inventam *táticas* e *estratégias* (CERTEAU, 1994) de sobrevivência, inspiradas em micro resistências que fundam micro liberdades e, com isso, potencializam a vida.

¹ Escrita inspirada em Nilda Alves, como tentativa de superar as dicotomias herdadas do discurso hegemônico da modernidade e, ao mesmo tempo, possibilitar a produção de outros sentidos a partir dessa união.

Assim, em nossa pesquisa, compreender as redes tecidas entre cultura e currículo com base na noção de diversidade não implica avaliar se os educadores seguem corretamente ou não os documentos prescritivos curriculares da Secretaria de Educação em vigor e os projetos de ensino com base em aspectos da cultura que delas decorrem, muito menos levar propostas de ações/atividades para que sejam executadas nas salas de aula, mas implica problematizar as *teorias/práticas* inventadas por esses praticantes durante os próprios movimentos de tessitura de suas redes, de modo a potencializar políticas da diferença nos cotidianos das escolas.

Trata-se, de fato, de pesquisar *com* os sujeitos das escolas as artes cotidianas de *fazer* com que os currículos aconteçam, de compreender seus estilos de *ação/pensar*, enfim, de tentar fazer uma teoria das práticas, assumindo a *força política dessas ações cotidianas*, uma vez que toda análise da vida cotidiana é sempre uma análise da política da vida cotidiana.

Outra razão que nos levou a focar as relações entre currículo e cultura tem a ver com o fato de as Diretrizes Curriculares para o Ensino Fundamental da Secretaria Municipal de Educação de Vitória/ES sugerirem as perspectivas dos *Estudos Culturais* e da *Pedagogia Histórico-Cultural* como referências para as ações das/nas escolas, o que, certo modo, tem contribuído para o fortalecimento de projetos educacionais com ênfase na cultura e, em especial, na *educação inclusiva*. Ou seja, trata-se de uma rede de sentidos tecida pelos praticantes dos diferentes *espaçotempos* de realização da educação municipal em favor da articulação cultura-curículo, e isso nos tem mostrado os limites das análises que se pautam por dicotomias como escola/sistema, prática/política, micro/macro, dentro/fora, entre outras.

Como já observado, há uma forte vinculação estabelecida por educadores e alunos, em suas *redes de saberes/fazeres* (ALVES, 2001), entre currículo e cultura, na medida em que evidenciam tensões aparentemente insolúveis, decorrentes de situações relacionadas com suas etnias, religiosidades, sexualidades, condições econômicas, relações de gênero ou

geracionais, linguagens, preferências estéticas, entre outras. Concordando com Candau (2005, p.13),

Não se trata de maximizar a dimensão cultural e desvinculá-la das questões de caráter estrutural e da problemática da desigualdade e da exclusão crescentes no mundo atual, nem de considerá-la um mero subproduto desta realidade. O importante é, tendo presente a configuração político-social e ideológica do momento, não negar a especificidade da problemática cultural nem considerá-la de modo isolado e autocentrado.

Algumas questões que têm movido nossos estudos

Fragmento de uma conversa com a Pedagoga Martha

Para mim, trabalhar com projetos é importante para ter uma maneira mais totalizante de articular os conteúdos. No projeto você tem mais chance de integrar diferentes assuntos.

Mas são projetos por disciplina ou projetos mais gerais, isto é envolvendo todas as disciplinas?

Na maioria das vezes são projetos por disciplina. Um ou outro é que envolve todo mundo.

E quantos projetos são desenvolvidos, atualmente, aqui na escola, por disciplina e no geral?

Olha, para cada disciplina, durante todo o ano, tem em torno de uns dez projetos, mas depende muito do professor. Tem professor que continua no tradicional. Agora somando os que são para todos chegamos a, mais ou menos, uns dezoito projetos.

E dá tempo para isso tudo?

Vou ser sincera, é muita correria. Tem que ficar em cima do professor senão ele não conclui e fica enrolando. Mas temos as mostras de trabalhos, então, de qualquer forma, ele tem que terminar no prazo.

E você não acha que essa lógica de trabalhar projetos, com tantos projetos assim, não continua compartimentalizando os conhecimentos? Você acha que muda alguma coisa em relação às disciplinas? Não seria também por isso que as professoras reclamam que não têm tempo para discutir as questões que são próprias dos cotidianos de suas salas de aula?

Isso acontece mesmo porque o corre-corre, o dinamismo da escola é muito grande e não sobra tempo pra ficar pensando no miudinho da sala de aula. Se você não for objetivo, não consegue chegar lá. Mas concordo com você que a coisa está ficando

muito produtivista e corrida. Por conta disso, ano passado nós pensamos até em propor um projeto: “A afetividade na sala de aula”.

Mas você não acha que é exatamente esse o problema? Propor um projeto para tentar resolver o corre-corre dos projetos?

Eu entendo isso sim. Às vezes me pergunto: Onde é que estamos querendo chegar com tudo isso? Que diferença a escola está fazendo na vida de cada um de nós?... Às vezes fico com a sensação de que o que importa que é a vida, está sendo deixada de lado para podermos cumprir os prazos. A vida está escapando de nós... Mas, ao mesmo tempo, se você não trabalha com projetos você está fora da proposta atual. Consideram você tradicional. Projetos, hoje, é sinônimo de escola progressista e ninguém quer ser tradicional.

Considerando nossa intenção de *pesquisa com os cotidianos das escolas*, pudemos participar, no decorrer dos três anos, de inúmeras e diferentes atividades realizadas nas instituições pesquisadas², quando fomos percebendo a importância atribuída pelos sujeitos das escolas aos processos que têm sua força maior nas relações entre *currículo* e *cultura*, com base na noção de diversidade. Essa centralidade dos diálogos nessas relações levou-nos a focar nosso estudo também em autores que nos permitissem aprofundar essa discussão a partir de tentativas de estabelecer diálogos entre os Estudos Pós-Coloniais, os Estudos Cotidianos e os Estudos dos Currículos para a discussão das *teoriaspráticas* curriculares realizadas nas escolas. Compreendendo, ainda, que somente a partir da *problematização* das múltiplas determinações *espaçotemporais* dos diferentes contextos da educação municipal é possível entender a potência da dimensão de complexidade das escolas e, ao mesmo tempo, assumindo os seus cotidianos como contextos de investigação, conseguimos identificar as seguintes questões em nossos estudos:

² Nossa participação nos cotidianos das seis escolas deu-se de forma sistemática em diferentes momentos tais como, grupos de estudos semanais, aulas, atividades de formação continuada etc. Cumpre observar que nossa entrada nas escolas aconteceu a partir do convite dos profissionais e sempre pedimos licença para entrar e agradecemos ao sair.

a) a manutenção de uma concepção de currículo fundamentada nas ideias de proposta curricular escrita e pedagogia de projetos culturais, estes últimos associados a diferentes práticas e/ou atividades consideradas de inclusão;

b) a ênfase nas ideias de cultura local, identidade, propriedade, originalidade, essência, tradição e diversidade cultural, em diálogo com processos de diferenciação, negociação, tradução e hibridização cultural;

c) a associação e/ou identificação de cultura a personagens, costumes, folclore, acontecimentos, objetos, comportamentos, gostos, preferências estéticas etc., atribuindo um sentido de materialidade e/ou de personificação para a cultura;

d) a manutenção e, ao mesmo tempo, complexificação da prática do que temos chamado de currículo turístico, pautado em um calendário de datas comemorativas, com destaque para a realização de eventos como mostras/feiras culturais, concursos (beleza negra, rainha da primavera, garoto/garota da escola...);

e) o incentivo a ações que valorizem a criação/confecção de “produtos culturais” a serem expostos e/ou comercializados, de modo a minimizar os diferentes processos de negociação e de hibridização cultural que acontecem nos cotidianos, reforçando o que temos chamado de “pedagogia da vitrine”, na medida em que potencializa sentidos de consumo, competição, premiação e, sobretudo, individualização das práticas;

f) a proposição de ações/programas associando cultura a temas como violência, sexualidade, meio ambiente, religião, saúde, racismo, família, trabalho etc., fortalecendo, por vezes, uma imagem de cultura como redentora das mazelas sociais e, com isso, minimizando ou suprimindo a discussão da desigualdade social em função da ênfase dada à discussão da diversidade cultural;

g) e, ao mesmo tempo em que todas essas práticas ocorrem, também observamos a invenção anônima e sorrateira de táticas e/ou estratégias que subvertem as tentativas de padronização das noções de

currículo e cultura presentes nos textos prescritivos curriculares e, por consequência, a tessitura de diferentes sentidos para esses processos, caracterizando as dimensões de política, complexidade, diferença, resistência, abertura e permanente indeterminação/invenção dos cotidianos escolares.

Fragmento de uma conversa com a Pedagoga Martha

Temos vários projetos abordando a questão da cultura dos alunos. Principalmente agora com a obrigatoriedade da inclusão da cultura negra no currículo temos feito muita coisa interessante... Por exemplo, o concurso da beleza negra tem despertado muito a nossa atenção no sentido de valorizar a beleza dos alunos que são da raça negra. Outra coisa legal é a feira da cultura onde cada sala fica responsável por apresentar coisas típicas de um município ou de um estado como artesanato, bebidas, comidas típicas, danças, trajes e hábitos do lugar, pontos turísticos, pessoas famosas que nasceram lá, curiosidades e coisas do folclore daquela região... De vez em quando surge alguma discussão entre eles quando aparece alguma coisa que é típica de dois lugares... Aí eu falo, então não é típico.

Com essa situação que você me contou, não fica difícil saber o que é ou não típico? Como saber se algo pertence a um só lugar?

Você tem razão. É sempre uma aproximação, uma coisa arbitrária quando trabalhamos com cultura, por isso a dificuldade. Mas sempre tem algo que é só de lá, do lugar.

Mesmo assim, me pergunto qual a importância dessa atividade de se tentar identificar o que é culturalmente típico de um lugar. Qual o objetivo?

Eu, às vezes, também tenho dúvidas, mas é uma prática que dá visibilidade à escola. A comunidade, os alunos, os professores, o sistema, todos gostam. Sem contar que é uma ocasião de alegria e de festa... Faz bem... Rs...

Entendemos que essas inferências iniciais entre cultura e currículo, não se manifestam do modo organizado como foram apresentadas aqui. De fato, trata-se de *prácticasteóricas* que se tecem em suas redes de conhecimentos. Com isso, interessa-nos analisar *com* esses praticantes suas *teoriaspráticas* curriculares, não para desqualificá-las/julgá-las, mas para provocar ações nos cotidianos das escolas que possam favorecer movimentos de ampliação de suas redes de conhecimentos, a partir do

uso das noções de *complexidade* e de *diferença* como potencializadoras para discutir a relação entre currículo e cultura. Com Candau,

O que estamos querendo trabalhar é, ao mesmo tempo, a negação da padronização e também a luta contra todas as formas de desigualdade e discriminação presentes na nossa sociedade. Nem padronização nem desigualdade. A igualdade que queremos construir assume o reconhecimento dos direitos básicos de todos(as). No entanto, esses todos(as) não são padronizados(as), não são ‘os(as) mesmos(as)’, têm que ter as suas diferenças reconhecidas como elementos presentes na construção da igualdade. (CANDAU, 2005, p.18).

Problematizar os currículos realizados por meio das *imagensnarrativas* tecidas em redes, tendo em vista a elaboração de outros discursos sobre currículo, implicou, como propõe Guimarães (2006), buscar caminhos que nos possibilitassem compreender a existência cotidiana sem exigir nossa renúncia diante do que ela nos oferece, mas, ao contrário, reconsiderar a necessidade de um retorno à existência e à linguagem de todo dia, buscando reavivar o contato com aquilo que, na vida comum, irrigado pelo fluxo de narrativas, passa despercebido de tão evidente, ou então só se deixa ver na remissão incessante de um texto ao outro, de uma narrativa à outra. Implicou, ainda, assumir os cotidianos escolares a partir das redes de relações que aí são tecidas e partilhadas, as quais, em referência aos nossos marcos teóricos, incluem tanto os usos quanto as negociações, traduções e hibridizações que se enredam nas redes de conhecimentos. Como Alves, entendemos

[...] que os seres humanos, em suas ações e para se comunicarem, estão carregados de valores que reproduzem, transmitem, mas também criam [...]. Assim, em um mesmo processo, vão aplicando o que lhes é imposto pela cultura dominante, com os produtos técnicos colocados à disposição para consumo e, em contrapartida, vão criando modos de usar e conhecer o invento técnico, fazendo surgir tecnologias e possibilidades de mudanças tanto dos artefatos técnicos, como das técnicas de uso. (ALVES, 2005, p.03).

Que estamos entendendo por currículo?

Nós estamos passando por um momento de discussão do currículo no sistema. A proposta que existe não consegue corresponder às necessidades das escolas hoje. Por isso eu vejo que essa discussão é necessária para todos nós. Até para poder acompanhar o trabalho dos professores. (Alda, pedagoga).

Mas eu acho que acaba não mudando muita coisa, a não ser uma ou outra novidade. Entra governo e sai governo e cada equipe quer deixar seu trabalho, sua logomarca de currículo. Eu continuo ensinando as mesmas coisas, claro que sempre contextualizando. Não tem mudança substancial. Só fachada pra deixar a etiqueta do partido. (Rosemary, professora de Geografia).

Mesmo considerando que as prescrições oficiais constituam elementos importantes do currículo, problematizamos essa visão com a intenção de tirar o foco da ideia de currículo como documento oficial e ampliá-lo com a noção de currículo como redes de saberes, fazeres e poderes, tecidas e compartilhadas nos cotidianos escolares, que não se limitam a esses cotidianos, mas se prolongam para além deles, enredando diferentes contextos vividos pelos sujeitos praticantes. Nesse sentido, Alves et al (2002) defendem que, ao participarem da experiência curricular cotidiana, mesmo que supostamente seguindo materiais curriculares preestabelecidos, professores e alunos tecem alternativas práticas com os fios oferecidos pelas redes das quais fazem parte, dentro e fora da escola. Sendo assim, podemos dizer que existem muitos currículos em ação nas escolas, apesar dos diferentes mecanismos homogeneizadores.

Infelizmente, boa parte de nossas propostas curriculares tem sido incapaz de incorporar essas experiências, pretendendo pairar acima da atividade prática diária dos sujeitos que constituem a escola. Inverter o eixo desse processo significa entender a tessitura curricular como um processo de fazer aparecer as alternativas construídas cotidianamente e já em curso. (ALVES et al, 2002, p. 34).

As questões que moveram nossa pesquisa também nos levaram a superar a manutenção da dicotomia entre currículo prescrito e currículo vivido, tendo em vista o fato de que, para entender os processos culturais realizados nas tessituras das redes cotidianas, estamos nos valendo das ideias de *hibridismo* (BHABHA, 1998) e de *complexidade* as quais rompem, em definitivo, com qualquer possibilidade de análise pautada em polarizações dicotômicas e excludentes. Assim, considerar as dimensões de *hibridismo* das *teoriaspráticas* inventadas em meio às redes de *saberesfazeres* tecidas nas escolas é resultante da permanente condição de *complexidade* dos conhecimentos potencializados nesses cotidianos.

Assim, por exemplo, se, do ponto de vista dos textos das propostas prescritivas governamentais, é possível observar a recorrência de um dado sentido de cultura associado a costumes, hábitos, datas, personagens, comportamentos, objetos e estéticas visuais, oportunizando a imagem e/ou a construção do que temos chamado de “currículo turístico”, do ponto das hibridizações das redes cotidianas esses sentidos são negociados, traduzidos, adiados com a marca de híbrido, de complexo e, por efeito, vão se diferenciando das definições e dos modelos tidos como “politicamente corretos”, fato que, muitas vezes, implica a desqualificação desses sentidos cotidianos de cultura por parte dessas propostas.

Eu tenho pra mim que os conteúdos continuam sendo importantes, senão você vai ensinar o quê? Você tem que ter objetivos pra poder dar aula. Tem que planejar o seu trabalho. Tem que adaptar o currículo ao que está acontecendo no mundo. Quem escreveu o currículo escreveu em outro contexto e se você não fizer a adaptação não tem como trabalhar. (Marcia, professora de Português).

Aqui na escola trabalhamos com aspectos da cultura no currículo sem se preocupar se se trata da cultura local ou da cultura geral. Até porque fico me perguntando o que estamos chamando de cultura local e cultura geral? A meu ver, essa separação não faz muito sentido, pelo menos nos dias de hoje. Os alunos estão conectados com o mundo o tempo todo e, com isso, a separação entre local e geral fica difícil de aceitar. (Rosa, professora de Ciências).

Outra ideia assumida por nós na pesquisa com os cotidianos e que decorre das anteriores, tem a ver com o fato de que as *teoriaspráticas* curriculares, inventadas pelos sujeitos praticantes das escolas, além de serem híbridas são, também, *políticas de currículo*. Essa atitude nos tem levado a buscar uma noção de política mais complexa do que aquela sistematizada pelos documentos governamentais. De fato, se é urgente perceber que as práticas são, também, teorias e vice-versa (também por isso escrevemos *teoriaspráticas* ou *prácticasteóricas*), é também urgente perceber que elas são, sobretudo, políticas.

Entender *as prácticasteóricas curriculares cotidianas como políticas de currículo* implica não só questionar algumas das dicotomias herdadas pela Educação do discurso hegemônico da ciência moderna, como cultura x sociedade, teoria x prática, sujeito x objeto, entre outras, mas, sobretudo, colocar sob suspeita toda e qualquer proposta de fazer com que a prática se torne política, isto é, implica ficarmos alerta para a ideia, tão presente nas escolas, de que é preciso “conscientizar” politicamente as pessoas, atitude que, a nosso ver, muitas vezes nega o fato de que, independentemente de suas condições, opções ou escolhas culturais, são sempre sujeitos políticos.

Para começar precisamos dizer que não existe, nas pesquisas com os cotidianos, entre os inúmeros grupos que as desenvolvem, a compreensão de que existem “práticas e políticas” [...] uma vez que entendemos que as políticas são práticas, ou seja, são ações de determinados grupos políticos sobre determinadas questões com a finalidade explicitada de mudar algo existente em um campo de expressão humana (ALVES, 2010, p.49).

Os estudos pós-coloniais e o currículo e a ênfase nas políticas da diferença

Alves (2005), pondera sobre uma questão que norteou boa parte de nossa pesquisa, ou seja sobre a importância de se colocar em análises possíveis relações entre questões curriculares e questões da cultura. Para

a autora, articular questões entre currículo e cultura indica a necessidade de se interrogar: há diferenças entre o que se produz nas escolas como conhecimento e o que é produzido fora dela como tal, em especial nas ciências? Que possibilidades de interinfluências se colocam entre o que é desenvolvido pelas escolas e o que é tecido nos *espaçotempos* fora dela?

A meu ver, trabalhar com a cultura local é importante para que os alunos elevem sua autoestima, se sintam reconhecidos em suas manifestações culturais. Por exemplo, aqui nessa escola muitos alunos convivem com as manifestações do Congo e isso precisa ser assumido como tema, como conteúdo do currículo. (Ana, professora de Matemática).

Assim, a articulação entre os saberes curriculares cotidianos e as culturas vividas pelos sujeitos praticantes dos cotidianos de nossas pesquisas nos impulsionaram a pensar sobre currículo para além dos textos oficiais, envolvendo-o nos domínios das redes de *saberes/fazeres* tecidas em meio a todo um campo de significação cultural. Por se constituir, então, em campos de significações em redes, o currículo tem uma dimensão de processo cultural que não pode ser desconsiderada, sendo realizado em determinados contextos sociais, históricos, culturais e econômicos que se interpenetram e se influenciam.

Na articulação e confluência desses contextos, vamos situar os cotidianos escolares como *entrelugares da cultura* (BHABHA, 1998), buscando problematizar as possibilidades *teórico-epistemológico-metodológicas* que se criam nas redes cotidianas de usos, negociações, hibridizações e traduções entre culturas, expressando diferentes *embates culturais*. Para Bhabha (1998), os termos do embate cultural, seja pelo antagonismo, seja pela afiliação, são produzidos *performativamente*, e a articulação social da diferença, na perspectiva da minoria, é uma *negociação* complexa em andamento. Negociação, aqui, tem o sentido de *movimento*, de *processo permanente*, sem necessariamente ter que chegar a um consenso, a um acordo comum, a um ponto de conciliação. Isso nos lança permanentemente, como *pesquisadores dos cotidianos*, em múltiplas

redes de negociações permeadas por ambiguidades, ambivalências das possibilidades que se apresentam nos interstícios, mas que não são fixas nem imutáveis.

Para Bhabha (1998), a passagem do cultural como objeto epistemológico à ideia de cultura como lugar enunciativo, promulgador, abre a possibilidade de outros tempos de significado cultural, estabelecendo um processo pelo qual os sujeitos praticantes do cotidiano são assumidos como protagonistas de sua história e experiência. Assim, os diferentes tipos de enunciações culturais nos usos das prescrições curriculares oficiais, tecidas em redes, produzem potência de invenção nas escolas e, por efeito, outros usos e discursos do/sobre o currículo em meio aos múltiplos *espaçostempos* de traduções e hibridizações da cultura.

Macedo (2004) nos ajuda nessa discussão, ao falar sobre a necessidade de o currículo ser entendido, a partir da noção de hibridismo, como espaço-tempo de fronteira em que culturas híbridas são produzidas pela negociação entre as muitas tradições que o constituem. Ao pensar a *diferença* no currículo, a autora pondera:

Recentemente, tem se destacado [...] na educação, a noção de hibridismo, que poderia ser definida, de forma bastante simples, como mescla [...] que transforma a diferença no mesmo, mas que permite também que o mesmo seja visto como diferença. Trata-se de uma noção que lida com a diferença – assim como com a aparente homogeneidade – e perturba tanto as fronteiras entre o eu e o outro quanto a própria idéia de eu e de outro [...]. Defendo que o currículo como híbrido precisa ser pensado como espaço-tempo de fronteira e ambivalência em que convivem diferentes tradições culturais. (MACEDO, 2004, p.15-16).

Assim, a partir das considerações de Bhabha (1998) e Macedo (2004), buscamos negar uma visão de escola que a pensa como *museu imaginário de diversas culturas*, como se fosse possível colecionar essas culturas por meio de datas comemorativas, personagens, costumes

próprios ou qualquer outra tentativa de prescrição curricular pautada em uma perspectiva multicultural clássica. Não se trata de um multiculturalismo superficial:

Nessas formas superficiais vistas como multiculturais, o Outro é ‘visitado’ de uma perspectiva que se poderia chamar de ‘perspectiva do turista’, a qual estimula uma abordagem superficial e voyeurística das culturas alheias. Uma perspectiva pós-colonial questionaria as experiências superficialmente multiculturais estimuladas nas chamadas ‘datas comemorativas’ [exigindo] um currículo multicultural que não separe questões de conhecimento, cultura e estética de questões de poder, política e interpretação. Ela reivindica, fundamentalmente, um currículo descolonizado. (SILVA, 1999, p.130).

As formas superficiais de multiculturalismo criticadas por Silva (1999) também são pontuadas por Bhabha (RUTHERFORD, 1996), que conclui que o multiculturalismo representou uma tentativa de responder e, ao mesmo tempo, *controlar* o processo dinâmico de articulação da *diferença cultural*, administrando um consenso baseado em uma norma que propaga a *diversidade cultural*. Nesse sentido, para Bhabha, embora haja sempre uma acolhida e estímulo à ideia de *diversidade cultural*, há também uma correspondente contenção dela. Nas palavras desse autor: “[...] uma norma transparente é constituída, uma norma dada pela sociedade hospedeira ou cultura dominante, a qual diz que essas outras culturas são boas, mas devemos ser capazes de localizá-las dentro de nossos próprios circuitos.” (RUTHERFORD, 1996, p. 35). Nesse sentido, inferimos, mais uma vez, que todas essas discussões são de extrema relevância em nossas pesquisas, pois existe uma supremacia da noção de *diversidade* nas ações e projetos curriculares das escolas, que objetivam tratar das questões correlatas aos temas culturais.

Referências

ALVES, Nilda. Redes educativas ‘dentrofora’ das escolas, exemplificadas pela formação de professores. In: DALBEN, Ângela; DINIZ, Júlio; LEAL, Leiva; SANTOS, Lucíola (Org.). **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 49-66.

ALVES, Nilda. Artefatos tecnológicos relacionados à imagem e ao som na expressão da cultura de afro-brasileiros e seu “uso” em processos curriculares de formação de professoras na educação superior: o caso do curso de Pedagogia da UERJ/Campus Maracanã. **Projeto incorporado ao PROCIÊNCIA**, agosto de 2005.

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho: o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa; ALVES, Nilda (Org.). **Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p.13-38.

ALVES et al. (Org.). **Criar currículo no cotidiano**. São Paulo: Cortez, 2002.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana L. de Lima Reis e Gláucia R. Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

CANDAU, Vera. Sociedade multicultural e educação: tensões e desafios. In: CANDAU, Vera (Org.). **Cultura(s) e educação: entre o crítico e o pós-crítico**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 15-37.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. **Cotidiano escolar, formação de professores(as) e currículo**. São Paulo: Cortez, 2008a.

FERRAÇO, Carlos Eduardo (Org.). **Currículo e educação básica: por entre redes de conhecimentos, imagens, narrativas, experiências e devires**. Rio de Janeiro: Rovellet, 2011.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. Eu, caçador de mim. In: GARCIA, Regina Leite (Org.). **Método: pesquisa com o cotidiano**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 157-175.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. Ensaio de uma metodologia efêmera: ou sobre as várias maneiras de se sentir e inventar o cotidiano escolar. In: OLIVEIRA, I. B.; ALVES, N. (Org.). **Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes**. Rio de Janeiro: DP et Alii, 2008b. p. 101-117.

FERRAÇO, Carlos Eduardo; PEREZ, Carmen Lúcia Vidal; OLIVEIRA, Inês Barbosa (Org.). **Aprendizagens cotidianas com a pesquisa: novas reflexões em pesquisa no/do/com os cotidianos das escolas**. Rio de Janeiro: DP et Alii, 2008.

GUIMARÃES, César. **Imagens da memória: entre o legível e o visível**. Belo Horizonte: UFMG, 1997.

GUIMARÃES, César. O ordinário e o extraordinário das narrativas. In: GUIMARÃES, César; FRANÇA, Vera (Org.). **Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 08-17.

MACEDO, Elizabeth. Currículo e hibridismo: para politizar o currículo como cultura. **Educação em Foco**, Juiz de Fora, v. 9, n. 1, p.13-30, 2004.

REVEL, Judith. O pensamento vertical: uma ética da problematização. In: GROS, Frédéric (Org.). **Foucault: a coragem da verdade**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2004. p. 65-87.

RUTHERFORD, Jonathan. O terceiro espaço: uma entrevista com HomiBhabha. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Campinas, v. 1, n. 24, p. 35-41, 1996.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

Prof. Dr. Carlos Eduardo Ferrazo
Universidade Federal do Espírito Santo – Brasil
Programa de Pós-Graduação em Educação
Grupo de Pesquisa Currículos, Cotidianos, Culturas e
Redes de Conhecimentos
E-mail: ferraco@uol.com.br

Prof. Dr. Marco Antônio Oliva Gomes
Universidade Vila Velha - Brasil
Universidade Federal do Espírito Santo - Brasil
Grupo de Pesquisa Currículos, Cotidianos, Culturas e
Redes de Conhecimentos
E-mail: paramarcoantonio@uol.com.br

Recebido em: 18 ago. 2014.

Aprovado em: 25 fev. 2015.